



por CASIMIRO DE BRITO

A VAGA DE FRIO

Depois de uma quadra natalícia estival, como só nos Algarves acontece, e de um começo de ano levemente aspergido por algumas gotas de água, coube-nos na sorte (no seu reverso) estas temperaturas anãs, levadas da breca. Meia dúzia de graus centígrados e até menos, por vezes.

E é ver os sanguíneos naturais deste burgo andarem por aí (o menos possível), enrolados sobre si mesmos, imiscuindo as mãos geladas pelos abismos algebais. Há os que dão saltinhos, os que fazem os seus trajectos quotidianos enquanto o diabo esfrega o olho, os que levam o dia a maldizer o frio e mais quem o mandou contra nós, os que espetam os peitos para fora e afirmam que isso do frio não é mais do que um boato, os que dizem que isto nem parece o Algarve porque lá na Madeira têm 15 graus, os que desconhecem o maroto porque não têm tempo para perder com marotos, os que se mascaram de polo-norte e desafiam as lâminas do canito e ainda muitos e muitos mais, entre eles os que são obrigados a lidar com águas geladas e não têm outro remédio senão ver crescer as frieiras. Ao fim e ao cabo, apenas duas grandes classes: os que têm boas casas, bom «chauffage», bons «maples» — são os bem instalados na vida e estão-se nas tintas para pensar em tristuras; e os outros, a escória, os que não conseguem aquecer os pés, os que não têm mantas para recrutar nos guarda-fatos, os que têm os telhados rotos, os que não sabem que é possível não se ter frio quando há frio. Desses morrem todos os anos uns poucos. Ou então cabe-lhes na sorte um bilhete para a morte... que sai muitas vezes sorteado.

Enfim, somos muitos e, sobre todos nós, o frio a morder apenas alguns — apenas não, a maior parte. Em compensação, e precisamente porque estamos numa terra do Sul, a nossa neve é outra — e ei-la que já desponta, virginal, cristalina, avulhada, nos cabelos verdíssimos das nossas moiras encantadas — as amendoeirais. Sabem? Elas têm os braços abertos, estendidos! Esperam-vos! Dirijo-me aos de fora, aos que não conhecem a neve perfumada dos Algarves.

Madrinhas espirituais

ESCREVEM-NOS os srs. António Correia da Silva e António Maria Guerreiro, soldados n.ºs 234/58 e 80/59 em serviço na Base Aérea n.º 4, Lajes, Açores, manifestando o desejo de por nosso intermédio conseguirem madrinhas espirituais que lhes suavizem a permanência longe das famílias. Igualmente se nos dirige, esperançado em conseguir uma madrinha algarvia, o sr. Manuel Pereira Cardoso, que se encontra internado no Pavilhão 3, Sala 6, do Sanatório Sousa Martins, da Guarda. Registamos os pedidos, com votos de quem sejam em breve satisfeitos.

CALVOS

Usem: «VITABOLBO»

No prazo máximo de 60 dias, nasce-lhes cabelo novo.

Restitui-se a importância gasta, no caso de não se verificarem resultados favoráveis.

«VITABOLBO» cada embalagem 100\$00

Representantes exclusivos:

PRODUÇÕES SANDE FREIRE

Avenida Almirante Reis, 94, 4.º Esq.—LISBOA—Telefone 73 42 08

DISTRIBUIDOR:

FARMÁCIA LOBEL—Rua Infantaria 16, 98-B—Telef. 688807

ACEITAM-SE AGENTES — Agência em Almada: Farmácia Central — Telef. 070504

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Estiveram em Vila Real de Santo António, com curta demora, os nossos assinantes srs. Emilio Garcia Ramires, industrial de conservas, e Eduardo José Raposo, presidente da Câmara Municipal de Mértola.

O nosso assinante sr. José da Conceição Aleixo, que residia em Negage, fixou residência em Luanda.

Vimos em Vila Real de Santo António os srs. Francisco Maria da Cruz Martins e António da Costa Parra, nossos assinantes, respectivamente, em Beja e Queluz, e, com sua esposa, o sr. agente-técnico António José Pereira da Mota Lis Saraiva.

O nosso assinante sr. Adelino Patacas da Silva, funcionário do C. T. T., foi transferido para Portel, onde fixou residência.

Acompanhado de sua esposa, seguiu para Lisboa, onde passará o Inverno, o nosso assinante sr. José Cândido da Costa Aguiar.

Foi transferido de Faro para Portimão o nosso assinante sr. Domingos Vieira Lopes, guarda da P. S. P.

Seguiu para Setúbal, onde passará uma temporada, o nosso assinante sr. Joaquim Neves.

Gente nova

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do sr. Alistair M. M. Falconer, filho do nosso amigo sr. eng. M. D. M. Falconer, a quem, por tal motivo, enviamos as nossas felicitações.

Pedido de casamento

Para o sr. Luís Filipe dos Santos Patrício, aluno da Faculdade de Medicina de Lisboa, filho da sr.ª dr.ª Mariana Carapeto dos Santos Patrício e do sr. dr. Luís dos Santos Patrício, de Portimão, foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Jovita Peral Agostinho, aluna da mesma Faculdade, filha da sr.ª D. Maria Natália Peral Agostinho e do sr. José Agostinho, industrial de conservas daquela cidade.

ACTIVIDADE

da Secção de Pilotos de Faro-Olhão

EM 1959, a Secção de Pilotos de Faro-Olhão, deu entrada no porto comum de Faro-Olhão, ou indicou fundeadouro fora da barra, a 101 navios e embarcações, entre os quais o navio alemão «Duisburg» de 1.853 toneladas e diversos arrastões espanhóis, de 40 a 50 toneladas. Este ano aquela Secção será valorizada com a aquisição de uma embarcação a motor, para transporte do piloto, a qual já se encontra em construção e importará em cerca de 140 contos.

QUEM PERDEU?

No posto da P. S. P. de Vila Real de Santo António, encontram-se depositados: um colar de senhora encontrado no Cine-Foz na noite de Natal e um porta-moedas em cabedal com dinheiro que foi encontrado numa das ruas da mesma vila e que serão entregues a quem provar pertencerem-lhe.

Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António

EDITAL

«Ocupação de casas para alojamento de famílias pobres»

MATIAS BARROSO GOMES SANCHES, Presidente da Câmara Municipal deste Concelho:

Faz saber que, de harmonia com a deliberação tomada por este Corpo Administrativo, em reunião ordinária realizada em 20 do mês em curso e em cumprimento do disposto no Decreto n.º 35.106, de 6 de Novembro de 1945, os interessados podem requerer, nos 15 dias imediatos à publicação do presente edital, a ocupação de algumas casas do Bairro para Alojamento de Famílias Pobres, existente nesta Vila, que estão actualmente desocupadas e ainda das que venham a desocupar-se até ao fim do corrente ano.

Dos requerimentos escritos em papel selado e dirigidos ao Presidente da Câmara Municipal, devem constar o nome, estado, idade, profissão e salário relativamente a cada uma das pessoas que constituem o agregado familiar e bem assim o seu grau de parentesco com o chefe de família, além de outras circunstâncias justificativas da necessidade de habitação.

Para constar e devidos efeitos, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos e do costume deste Concelho.

E eu, António Joaquim d'Almeida, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, aos 21 de Janeiro de 1960.

O Presidente da Câmara,

Matias Barroso Gomes Sanches

NECROLOGIA

D. Laurinda Serafim de Assis

Causou profunda consternação o falecimento, ocorrido em Faro, da sr.ª D. Laurinda Cândida Serafim Oliveira de Assis, de 85 anos, viúva, natural daquela cidade. A saudosa extinta, que era muito bondosa e estimada pelo seu fino trato e nobres sentimentos, era mãe das sr.ªs D. Maria Stella de Assis Mil-Homens e D. Ismênia Albertina Oliveira de Assis; sogra do sr. José Rodrigues Mil-Homens, funcionário superior da agência do Banco de Portugal na mesma cidade; avó dos srs. Vasco José de Assis Rodrigues Mil-Homens e Frederico José de Assis Rodrigues Mil-Homens, casados, respectivamente, com as sr.ªs D. Teresa Company Rodrigues Mil-Homens e D. Helena Baptista Rodrigues Mil-Homens, e ambos empregados do Banco Nacional Ultramarino, em Lisboa, e João Eduardo Sousa de Assis, funcionário dos C. T. T., em Santarém; irmã da sr.ª D. Emília Serafim e do sr. Paulo Serafim, comerciante; e tia da sr.ª D. Maria Stuart Marreiros Serafim Varela, do sr. Júlio Assis Esperança, empregado comercial, e do nosso prezado amigo e ilustre escritor António Assis Esperança.

O corpo da veneranda senhora esteve exposto na igreja do Monte do Carmo, de onde, após missa de corpo presente, saiu o funeral, com grande acompanhamento, para o cemitério da referida cidade.

D. Maria Umbelina R. de Passos

Em S. Brás de Alportel, sua terra natal, faleceu a sr.ª D. Maria Umbelina Rodrigues de Passos, de 77 anos, professora aposentada de ensino primário, irmã das sr.ªs D. Laurinda e D. Irene Teixeira de Passos e dos srs. dr. Alexandrino de Passos, nosso estimado assinante em Olhão, e João Manuel Rodrigues de Passos Júnior, farmacêutico do quadro do Ultramar, e cunhada da sr.ª D. Palmira do Rosário Machado de Passos. O falecimento da inditosa senhora foi muito sentido e o seu funeral registou grande concorrência.

José Carlos Teixeira do Carmo

Faleceu em Luanda o sr. José Carlos Teixeira do Carmo, de 62 anos, natural de Faro, inspector dos Caminhos de Ferro e comandante do Corpo de Salvação Pública, cargo que exercia há mais de vinte anos. Possuía várias condecorações e era muito estimado e considerado.

D. Maria da Conceição Santos

Com 81 anos, faleceu em Lagos a sr.ª D. Maria da Conceição Santos, viúva. A saudosa extinta era mãe das sr.ªs D. Carolina e D. Ana dos Santos e dos srs. José Fernandes dos Santos, Francisco dos Santos e João da Conceição Santos, sargento enfermeiro e nosso prezado assinante em Lourenço Marques, e avó da artista da Rádio Maria de Fátima Bravo.

Angel Delgado Perez

Faleceu em Loulé o sr. Angel Delgado Perez, de 75 anos, natural de Villanueva de los Castillejos (Espanha). O saudoso extinto, que era muito estimado pelas invulgaridades morais, deixa viúva a sr.ª D. Beatriz Augusta Guerreiro e era pai da sr.ª D. Beatriz Guerreiro Delgado Rolim e dos srs. dr. Ângelo Guerreiro Delgado, médico e presidente da comissão concelhia da U. N. de Loulé e João Guerreiro Delgado.

Também faleceram:

Em S. MARCOS DA SERRA — o sr. António Chaveca, de 75 anos, natural de S. Brás de Alportel, proprietário, casado com a sr.ª D. Maria da Piedade Coelho Chaveca e pai da sr.ª D. Maria Henriqueta Coelho Chaveca Mendes Júlio, casada com o sr. António Mendes Júlio.

Em LISBOA — o sr. Francisco Alves da Luz, de 70 anos, natural de Barão de S. Miguel (Vila do Bispo) casado com a sr.ª D. Maria

LOTAS DO ALGARVE

de 14 a 20 de Janeiro

Vila Real de Santo António

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Traineiras, Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

Table with 2 columns: Lot type and Price. Includes Cabanas, Tavira, Santa Luzia, Olhão, Quarteira, Portimão, Lagos.

SULFONITRATO DE AMÓNIO

com 26 % de azote (19 % amoniacal e 7 % nítrico) — um dos melhores e mais baratos adubos azotados de sementeira.

NITROCALCIAMON CONCENTRADO, com 27,5% de azote (metade amoniacal e metade nítrico), contendo cal — em sacos de 100 ou de 50 quilos.

NITROCALCIAMON 20,5 % (metade amoniacal e metade nítrico), contendo cal — em sacos de 100 ou de 50 quilos.

SUPERFOSFATO DE CAL 42 %.

Todos estes adubos são granulados, o que facilita a sua mistura e distribuição no campo, quer mecânica quer manual e REALIZAM A MAIS ECONÓMICA E EFICAZ ADUBAÇÃO.

SUPERFOSFATOS 15 % e 18 %, em pó e granulados. SULFATO DE AMÓNIO, CIANAMIDA, NITRATO DE CAL, CLORETO E SULFATO DE POTÁSSIO, ADUBOS INSECTICIDAS, ADUBOS MISTOS CONCENTRADOS.

Depósitos e revendedores no País, Ilhas e Ultramar

S. A. P. E. C.

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

LISBOA

Rua Vitor Cordon, 19-1.º

Telefs. 366426-366427-366428

366429-30715-30716-30717

Telegr.: SAPEC-LISBOA

AGÊNCIA NO PORTO

Praça da Liberdade, 53-1.º

Telefs. 23727 e 26444

Telegr.: SAPEC-PORTO



FARO — Largo de Camões, 10 — Telefone 255

LÃ DE VIDRO EM PASTA PARA ISOLAMENTO DO SOM, CALOR E FRIO EM:

Câmaras Frigoríficas, Construção Civil, Construção Naval, Estufas, Caldeiras

E TODO O GÉNERO DE ISOLAMENTO INDUSTRIAL

Wandschneider & Cia., Lda.

Rua Cândido dos Reis, 74-2.º Telef. 50702 PORTO

Perfumaria da Moda e Retrosaria

TRESPASSA-SE

Por o seu proprietário não poder estar à frente do estabelecimento trespassa-se, a Perfumaria da Moda e Retrosaria, com toda a existência. Fundada há mais de 20 anos, muito afreguesada e situada no melhor local da vila.

Dão-se facilidades de pagamento e descontos especiais sobre os preços de factura.

TRATAR COM

EDUARDO CORREIA

Telefone 82

LOULÉ

Oferta!

caixas para géneros



Troque 2 Rotulos

de SONASOL LÍQUIDO SUPERCONCENTRADO

o apenas 10\$00 por uma ótima caixa em plástico para: Grão, Feijão, Farinha, Massa, Arroz ou Açúcares. Dirija-se ao seu fornecedor.

N. B. Só servem os rótulos com a sobrecarga "Oferta".

Sonazol

LÍQUIDO

Superconcentrado



A nova fórmula de SONASOL LÍQUIDO SUPERCONCENTRADO garante uma limpeza impecável nas suas louças, vidros, mosaicos, lãs, sedas, alyons, etc. Apenas uma garrafa garante, durante um mês, a lavagem da louça usada por quatro pessoas. O SUPERCONCENTRADO é ainda mais ECONÓMICO, PRODUZ MAIS ESPUMA e NÃO TEM CHEIRO.

A PESCA DO ATUM

Conclusão da 1.ª página

que profundamente lamentamos, por supormos que, desta forma, foi, uma vez mais, prejudicada a economia da província algarvia, dando-se assim mais um passo involuntário para a possível e futura extinção desses importantes, centenários e simpáticos sistemas de pesca, que ansiosamente desejaríamos ver progredir, em vez de se definharem sucessiva e continuamente por força da nociva e obstinada rotina, que, normalmente, tudo tende a entrar na marcha regular para o progresso.

O grave problema suscitado pela falta de pesca verificada nessas artes, está a assumir aspecto conflagrador e desencorajante; e, assim, a sobrevivência dessas armações parece estar seriamente ameaçada pelos elevados prejuízos de que são vítimas inocentes as empresas respectivas e os pescadores que nelas desenvolvem actividade árdua e pouco remuneradora. É que, esses sistemas fixos de pesca, asseguravam o pão a centenas de famílias e, também, remunerações satisfatórias aos seus associados, o que parece não suceder hoje, infelizmente, por falta de iniciativa relativa aos meios de combate sem tréguas contra aquela fatídica rotina.

Nestas lamentáveis condições, uma vez mais se solicita que os entendidos em tal matéria expõem os seus pontos de vista publicamente, sugerindo assim soluções que possam levar as empresas concessionárias-arrendatárias de locais de lançamento de armações a adoptar medidas adequadas ao efeito, sob pena de, conservando-se todos em mutismo inconsequente, tudo se perder injustificada e inglôriamente, com graves e manifestas repercussões económicas e sociais para a parte do Algarve a que o caso sujeito respeita. Oportuno, se apela para que as pessoas conhecedoras e experientes desses assuntos, ajudem a procurar remédio para tamanho e nefasto mal, contribuindo, desse modo, para a orientação dos organismos responsáveis e aos quais incumbe resolver naturalmente problema de tamanha magnitude, como é o de se assegurar com normalidade a pesca do atum na costa do Algarve por meio dos referidos e antiquíssimos aparelhos de pesca.

Por força de um afecto especial, dedicado desde tenra idade às pescas marítimas e, mormente, à do atum e similares deste, e, também, por motivo dos instantes e prementes apelos lançados nas colunas do *Jornal do Algarve* que tão devotadamente tem defendido os interesses algarvios, e, finalmente, em razão de um dever de consciência, mal avisados andaríamos se não

contribuíssemos também com os nossos modestos e despretensiosos conhecimentos para imprimir nova vida a estas vetustas artes de pesca, dos quais parecem carecer tão instante e prementemente. E, assim, e mantendo tudo quanto informámos já sobre tal matéria nas colunas deste jornal, sem contrapartida, conveniente e indispensável se torna que esclareçamos agora vários assuntos relativos a estes simpáticos aparelhos de pesca, o que seguidamente passamos a fazer, com a intenção única de tentar melhorar a economia da província a que tão ciosamente pertencemos e de nos opormos obstinadamente a tudo que injustificadamente possa contribuir para afectar a sobrevivência destes importantes aparelhos de pesca.

A armação fixa para a pesca do atum e similares

Estruturalmente — e em síntese — a armação fixa para a pesca do atum e similares é um conjunto de redes (tendo como acessórios bóias, cabos, ferros, embarcações, etc.), verticalmente suspensas no mar, da superfície ao fundo, formando compridas e sucessivas altas barreiras, as quais deverão estar convenientemente orientadas de harmonia com a marcha migratória provável do atum, independentemente da distância à linha geral da costa e da direcção desta. Uma das suas partes essenciais é o «quadro» ou «corpo», que se compõe de «câmara», «bucha» e «copo». E' nesta parte da arte que é retido, clausurado e pescado o atum.

Intimamente ligado ao «corpo» está o «palma-torres», do lado da terra, e a «legítima», do lado do mar, os quais, por sua vez, se prendem respectivamente à «rabeira» e ao «quartil», que se compõem de vários «bicheiros» ou «enganos» e que têm o mérito de aumentar o campo de actividade piscatória do mesmo «corpo» e, assim, o rendimento da arte de pesca. A «legítima» e o «palma-torres» delimitam uma zona de forma afunilada que se denomina «garganta da arte» e que tem por missão encaminhar o atum para a boca do «quadro». O «quartil» e a «rabeira» detêm esse peixe, encaminhando-o para a «garganta».

Constituem as restantes partes essenciais da armação a «legítima» e o «palma-torres».

Sem que se vejam quaisquer resultados úteis, mas antes pelo contrário, o comprimento destas artes de pesca (a do Cabo de Santa Maria) tem progredido consideravelmente, tendo assim tomado proporções gigantescas, se porventura a compararmos com as suas similares de há uma centena de anos.

O sistema estrutural relativo à armação fixa tem por missão deter

Mirante

NEM sempre sucede como se projecta. Verdade tão antiga como o mastigar para se comer. (Sem piada para os que comem sem mastigar, evidentemente).

Projectara escrever sobre um motivo festivo. Um assunto acerca da última quadra de fim de ano/princípio de ano. E é que o projecto assentou sobre intenção e trabalho. Mas, quando se esperava que o resultado efectivo surgisse ao de cima, imprevistíveis circunstâncias anularam totalmente esforço e desejo.

Tornar, é dar-se novamente a algo que se deixou. E como o motivo era grato ao nosso coração, sabe bem tornar. Eis por que, embora um tanto espaçado dessa quadra festiva, trazemos hoje um assunto com ela relacionado.

Um amigo, que muito prezamos, disse-nos ser «partidário da eterna juventude, graça e beleza». O seu cartão festivo era, desta forma, enriquecido com uma afirmação! Uma afirmação sob todos os aspectos admirável. Quando é bastante complicado afirmar-se «partidário», ele prova a simplicidade da afirmação. E de que maneira!

Também nós podemos afirmar. Agora, podemos afirmar, também: somos partidários! Partidários de uma causa bela, graciosa e eterna! Partidários da eterna juventude, da graça eterna, da eterna beleza!

Alegremo-nos, prezado amigo. Alegremo-nos, amigo e dr. Vergílio Passos: da sua, da nossa causa, temos milhares e milhares de partidários, em todo o mundo. Em todo o mundo, Amigo!

António do Rio

VENDE-SE

Barco a motor com 9,70 metros de comprimento, com motor de 20 cavalos e 54 redes próprias para tresmalho, tudo com 6 meses de trabalho.

Nesta Redacção informa-se.

e prender o atum na sua marcha de «direito», «recuado» e «revés» e, de tal forma, que se não possa libertar dele, para o que dispõe de vários «enganos» e de um vasto reservatório situado cerca da sua parte média, onde esse peixe é capturado com relativa facilidade.

E, no exposto, se cifra — em resumo bem sucinto — o sistema de aparelho de pesca denominado armação fixa para a pesca do atum e similares.

José Salvador Mendes

O Concurso Distrital de Teatro da Mocidade Portuguesa

No corrente ano de actividades da Mocidade Portuguesa, ressaltam pela gama da importância que lhes foi conferida, as realizações de carácter cultural — como ponto fundamental e imprescindível da formação educativa da juventude de Portugal. Integrando-se nesta linha de orientação directiva, a delegação distrital da M. P., tem em organização uma série de actividades, que por motivarem a activa participação da gente nova do Algarve, resolvemos focá-las no órgão provincial algarvio.

Entre as actividades, cujos regulamentos já foram distribuídos, destacam-se principalmente os concursos distritais de Teatro e Folclore, que terminarão com festivais a organizar em Faro, durante a 2.ª quinzena de Maio. Os diferentes Centros e Alas, inscrever-se-ão até ao dia 31 de Janeiro, indicando as peças a apresentar ou os números a exhibir e o júri, deslocando-se às respectivas localidades, ajuizará do seu valor e estabelecerá as classificações, sendo os melhores grupos convidados a apresentarem-se nos já aludidos festivais — presença activa da gente moça algarvia e certa, sem dúvida, do mais acendrado interesse cultural e artístico, alinea onde, por um acentuado dever educativo se devem integrar os caracteres em formação. Para estes dois concursos, está aberta também uma prova de cartazes, anunciadores dos mesmos e onde os jovens artistas têm possibilidades de patentear o seu mérito. Ainda dentro das actividades artísticas, queremos destacar o já habitual Salão Distrital de Educação Estética, o Concurso de Fotografia e a Exposição de Filatelia.

Por outro lado, procura-se também impulsionar as actividades literárias, promovendo concursos de poesia, peças teatrais, conto, ensaio e reportagem, com a característica de, por se estar celebrando o V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, se atribuírem prémios especiais para os trabalhos que versem a figura imorredoura do Infante de Sagres ou se relacionem com a epopeia náutica dos portugueses. Também queremos destacar o concurso distrital de jornais de parede — prova de conjunto dos rapazes que encontram no jornalismo a sua actividade dilecta.

Traçamos em linhas gerais as actividades de ordem cultural, que a delegação distrital da M. P. vai organizar e que, oxalá, se desenvolvam na íntegra para que todos saibam compreender o espírito que a elas preside, com o que muito tem a lucrar a juventude algarvia.

João Leal

Loulé... em retrato



UM dos problemas que, certamente, vão merecer a atenção do sr. presidente da Câmara, será o do trânsito na vila, para o que existem na Câmara, há mais de quatro anos, as placas de sinalização.

Foi nomeada em tempo uma comissão para estudar e dar parecer sobre o assunto, mas não consta que, até hoje, haja sido tomada qualquer deliberação.

O estacionamento de camiões na Avenida Costa Mealha devia ser proibido e o trânsito de velocípedes pela Rua 5 de Outubro, igualmente. Chegou até a estar pronto um regulamento, aí por volta de 1954, mas tudo continua na mesma.

Há ainda uma coisa que não se compreende e é o horário das camionetas, que vêm da estação de camião de ferro e tem de chegar a Loulé a uma hora certa. Quando os comboios vêm à tabela, a camioneta não pode seguir, para cumprir o horário e os passageiros têm de esperar dentro dela, para que a chegada à vila se não faça antes da hora fixada.

Se a camionagem é um serviço público e para bem deste, se não há prejuízos para ninguém em que a camioneta chegue a Loulé, fora do horário, tanto mais que para essas camionetas de ligações não há paragens nem passageiros pelo caminho, por que é que se não consegue da Direcção dos Serviços de Viação, que a P. V. T. não intervenha, pelo facto de uma camioneta chegar antes da hora indicada? Todos teriam a ganhar e não havia prejuízos para ninguém. Porque, para quem quer chegar a casa e vem moído de uma viagem, estar a «secar» dentro de uma camioneta, incompreensivelmente, é que não faz sentido.

ESTE ano anunciam-se de novo batalhas de flores, em diversos pontos do País.

No Estoril aparecerá como rei do Carnaval o grande cómico Fernandinho, inesquecível intérprete do «D. Camilo»; Torres Vedras vai reviver os seus festejos do Carnaval, após 4 anos de suspensão e Loulé vai retomar o curso dos seus 55 anos de tradição. Tudo é, porém, diferente em Loulé. Nem a magestade e grandiosidade dos custosos carros do Estoril, nem a esfuziante e por vezes pesada graça do Carnaval de Torres. Mas há a graça, a alegria e o bom gosto de sempre.

O Carnaval de Loulé é um marco específico de Carnaval civilizado, gracioso, fino, encantador, com a graciosidade dos conjuntos ornamentais dos carros, quase só feitos de flores, onde raramente aparece a

escultura ou a pintura, dando lugar ao elemento florido, no cenário único das flores de amendoira das olaias da Avenida.

O próprio ambiente, a sumptuosidade do recinto, difícil de encontrar igual, a leveza dos vestidos, a graça dos combates, tudo aqui transcende a um misto de gentileza e frescura que não tem igual noutra lado.

O Carnaval de Loulé vive e é apreciado porque tem sabido manter aquele encanto que falta aos outros, porque tem sabido prender e atrair pela fascinação do bom gosto e da graciosidade das tripulantes dos carros e até pela simpatia que se irradia dos carros com gente miúda. É um Carnaval onde o forasteiro se sente como em casa, brinca conosco, diverte-se sem se magoar e vai satisfeito, porque conseguiu passar momentos de alegria esfuziante e contagiante.

O Carnaval de Loulé, estamos seguros, marcará mais vezes, embora por esse País fora se repitam festejos que, mais grandiosos ou magníficos, não têm para o assistente a graça deste, em que ele próprio é figurante e animador.

O «PARIS-MATCH» desta semana compraz-se em trazer anedotas a respeito de meninos de escola. Porque, cá como lá, elas têm sempre o mesmo espírito, contemos duas: «O professor de geografia perguntou ao aluno:

— O que é o principado de Mônaco?

— Estado da... Graça.»

«Um menino queixava-se ao papá (isto agora está muito em moda, também por cá) de que a professora só lhe fazia perguntas impossíveis. O pai foi estar com a professora e perguntou-lhe se podia assistir um dia à lição.

Obtida a permissão, o papá apareceu um dia, sem ser anunciado e a professora, vendo-o, perguntou ao menino:

— Ora vamos lá! Diga, 2 e 2 quantos fazem?

O miúdo, que viu o pai, corre para ele e a fazer beicinho, diz-lhe: — Vês, papá, ela já está a começar!...

Outra ainda: «Dois miúdos conversam: — O meu papá todas as manhãs joga uma moeda ao ar. Se sai caras, deita-se. Se sai coroa, vai passear.

— Então e quando trabalha ele?

— Dis que só no dia em que a moeda ficar de pé...»

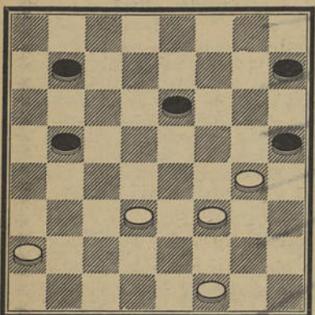
Repórter X

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

Damas

48

Coordenador: Artur de Matos Marques
 Correspondência: Av. D. João I, 20-3.º, Dto. — Almada
Proposição inédita n.º 94
 por Sérgio Madeira de Sousa Pereira — Olhão
 Br. 5 p. — Pr. 5 p.



Jogam as brancas e ganham

Posição: Br. 2-8-10-11-13. Pr. 17-20-22-25-28.

Esta proposição é dedicada ao «João Bucha», bem como a quadra seguinte, que a acompanhava:

*Inda se lembra daquela poesia
 Em que assinava o nome de João?
 Apareceu-me lá na mercearia,
 Num embrulho de barras de sabão...*

DIVERSAS

Nomeação — Foi nomeado chefe dos serviços de obras da Câmara Municipal de Loulé, o sr. Luís Manuel Soares.

Concursos — Está de novo aberto concurso documental para o lugar de chefe dos serviços técnicos, a prover por um agente técnico de engenharia de máquinas e electricidade, na Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

— A Câmara Municipal de Olhão abriu concurso para provimento dos lugares de desenhador e de fiscal de obras, do quadro do pessoal maior dos seus serviços especiais.

— Os Serviços Municipalizados de Silves vão proceder no próximo sábado a concurso público para arrematação da obra de abastecimento de água a diversas povoações do concelho.

— Os Serviços Municipalizados da Câmara de Portimão recebem propostas para o fornecimento de um veículo ligeiro para transporte misto de pessoas e carga, e de diverso material de água e electricidade.

ANTIGO LOTE DE CAFÉ CHAVE D'OURO



MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO
 Serve-se à chavena e vende-se a peso em todo o País
 Preparadores: Vilarinho & Sobrinho, Lda.
 Janelas Verdes — Lisboa

O novo presidente do Município de Lagos AFIRMOU QUE SÓ POR AMOR À SUA TERRA TINHA ACEITADO O CARGO

LAGOS — Marcou no meio lacobrigense a posse do sr. José Ferreira Canelas no cargo de presidente da Câmara.

O sr. governador civil, que presidiu, focou não só as qualidades do empossado, como as necessidades mais prementes do Município, de entre as quais destacou a do muito que há a fazer para que a cidade venha a marcar lugar condigno nas comemorações henriquinas que se avizinham, e a do abastecimento de água à povoação da Luz, de que guarda gratas recordações pelo que lhe foi dado fazer no sentido da restauração da sua igreja. O sr. dr. Clarinha, presidente da comissão concelhia da U. N., afirmando que o «render da guarda» não implicava menos atenção pelos que saíam, aos quais fez justiça, formulou votos para que fossem concedidas facilidades aos que entravam.

O empossado, falando pouco, disse muito, pois não ocultou que só por amor à sua terra tinha accedido ao desempenho de tão ingrata missão, pois que o seu estado de saúde e avançada idade não lhe permitiam suportar fardo tão pesado, mas que, de olhos fitos no progresso da terra que lhe foi berço, daria o melhor do seu esforço para que ficasse de bem com a consciência. Para tanto contava não só com a colaboração dos respectivos vice-presidente e vereadores, como de toda a população em geral.

Que todos os lacobrigenses, pois, desempocirada e desinteressadamente acudam à chamada, porque a união faz a força e há necessidade absoluta de estimular os que como o sr. Ferreira Canelas se prestam ao desempenho de missões que têm muito de nobres mas não menos de ingratas.

Todos confiam no novo presidente pelo muito que tem feito pela sua terra, mas há que concordar que o estado do Município é deficitário de verdade e que por si só não poderá operar o milagre da restauração que se impõe.

Temos industriais em Lagos! — Os industriais que se prezam não vêm só as suas conveniências, sacrificam-se pelos que os ajudam a triunfar na vida.

Parece que assim compreendeu

o sr. José de Abreu Pimenta, que, apesar de contrariado pela rigidez de princípios adoptada na fiscalização de determinados lotes de conserva, está resolvido a instalar a sua nova fábrica no sítio da Ponte. O povo alegra-se pela remoção da areia destinada ao aterro necessário à construção, e tudo leva a crer que o sr. Pimenta removerá dificuldades, e, na próxima faina, já laborará na nova fábrica que o honrará, decerto, e à terra que lhe foi berço. — C.

Uma carta sobre a transferência de fábricas de conservas

Do nosso colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta recebemos a seguinte carta:

Acerca do artigo «A transferência de fábricas de conservas de Lagos» inserto no n.º 147, solicito a V. a publicação do seguinte:

Sinto-me satisfeito pelos esclarecimentos da firma Paolo Cocco, Herdeiros, Lda., por poderem ser traduzidos como um desabafo de consciência da parte do sr. Santana, visto que o ponto capital do meu escrito que os originou, foi a condenação de transferências de alvarás, sobre o que o mesmo sr. nada explica.

A fábrica que a referida firma tem na Rua Gil Vicente, pela sua localização, praticamente no centro da cidade, não promete para movimento reduzido sequer, e muito menos para garantir trabalho permanente aos operários de duas fábricas especialmente quando a pesca abunda.

Bem vistas as coisas esta fábrica é de condenar, pela localização, e se a intenção da firma Paolo Cocco, Herdeiros, Lda. é, como se depreende dos seus esclarecimentos, de assegurar trabalho ao pessoal que vem mantendo, melhor lhe ficaria construir, ainda que com sacrifício, uma fábrica mais ampla na zona industrial prevista no plano de urbanização.

Não julgo necessários conhecimentos especiais para condenar a transferência de uma unidade fabril que pode proporcionar trabalho a muitas dezenas de pessoas, e, assim, mantenho quanto referi e declaro que o escrito em causa, se é tendencioso, é-o na medida em que visa despertar para mais e melhor. — Joaquim de Sousa Piscarreta

O PROBLEMA DO TURISMO NO ALGARVE

Continuação da 1.ª página

trado ainda há bem pouco tempo, quando da visita que o Chefe do Estado fez ao Algarve por ocasião da inauguração da barragem do Alvor, resistiu à adversidade geográfica e espera e confia em dias melhores. Chega a enternecer o amor e desvelo que o algarvio mostra pela sua terra. Exalta sistematicamente as virtudes dos seus filhos, proclama a beleza dos seus recantos, como quem se ergue para alcançar uma evidência, uma irradiação e uma notoriedade que lhe traga mais ampla presença nacional e internacional.

O algarvio está ciente e consciente de que detém um precioso património de turismo. Os semanários regionais algarvios focam sistematicamente, com uma perseverança digna de registo, o problema do turismo algarvio. Põem-no à frente das suas reivindicações, como a expressão porventura mais viva da sua problemática regional. Mas ao pôr o problema turístico, estão, e bem, a assinalar implicitamente a necessidade de uma gama de soluções que constitui, a bem dizer, a sua infraestrutura regional, elemento básico de toda uma economia.

Todo o algarvio sente no seu espírito e na sua fazenda o problema da pesca e das conservas, o da fruticultura, o do turismo

«O povoamento florestal para a defesa do seu clima e da sua terra arável, que tão estreita e insuficiente se vai tornando para o agricultor — prosseguiu o sr. dr. Mário de Oliveira — a conclusão do plano de irrigação hidro-agrícola, ordenamento da sua produção e comercialização frutícola, a defesa da sua actividade piscatória e conserveira, o alargamento da sua rede de esgotos e de electrificação, a maior frequência dos transportes ferroviários que ligam a Província ao Norte, a construção de um aeroporto, e de um porto acostável, para barcos de grande calado, o instante pedido de construção de hotéis, são um conjunto de solicitações que denuncia um estado de coisas e de espírito, a requerer desvelada atenção de quem possa impulsionar, em movimento ordenado e coordenado, a concepção e rápida execução de um plano de reordenamento da estrutura e infraestrutura regional do Algarve.

«Poder-se-á dizer, porventura com verdade, que hoje tudo se pretende resolver através de uma política de planeamento, mas o certo é que, quando se verifica a conjugação de factores como aqueles que concorrem no caso algarvio, a traduzir uma comunidade humana peculiar, caracterizada coesa na sua tradição de vida activa, há que olhar coordenadamente o quadro político regional, como um todo interligado por estreito encadeamento de interesses, actividades e ocupações.

«Quando se encontra, como no Algarve, uma comunidade humana tão definida, em que todos e cada um têm os olhos postos e a atenção presa às vicissitudes da sua unidade económica-social, pode encontrar-se, através da ordem política, um interlocutor qualificado e receptivo para cooperar, numa acção conjugada e objectiva, em ordem ao desenvolvimento harmónico regional.

«Todo o algarvio sente no seu espírito e na sua fazenda, como se fora coisa de cada um deles, independentemente da actividade a que se dedica, o problema da pesca e das conservas, o da fruticultura, o do turismo.

«É possível e é indispensável, por isso, trazer as camadas responsáveis do Algarve, que tão generosa e meritariamente contribuem em tantos sectores para o engrandecimento da Pátria, ao campo de uma mais íntima convivência com o sector público no sentido de estabelecer um planeamento regional ordenado e unitário.

«Este é um dos pontos que se considera fundamental no quadro político-económico do Algarve, como forma de ali fazer incidir um movimento mais eficaz do que aquele que avulsamente se suscita, tantas vezes ao sabor de factores de circunstância que não chegam a atingir o fulcro, o cerne da sua complexa problemática regional.

A lamentável situação hoteleira do Algarve

A presente situação em matéria de hotéis e pensões, na província do Algarve, é verdadeiramente lamentável. Apenas um hotel de primeira classe, com 29 quartos, 18 dos quais com casa de banho privativa. Dois hotéis de 2.ª classe com um total de 81 quartos, dos quais, somente 15 com casa de banho privativa. Para além disso, apenas 28 pensões, sendo duas de 1.ª classe, com um total de 50 quartos, dos quais 5 com casa de banho privativa, sete de 2.ª classe com um total de 106 quartos, dos quais cinco com casa de banho e 19 de 3.ª classe, com 208 quartos. A crescer a este restrito e modesto elenco de unidades de alojamento, apenas mais uma estalagem com 11 quartos e somente uma casa de banho privativa.

«Se, ao lado disso, observarmos o total de saídas e entradas de turistas estrangeiros que se verificou, por exemplo, no ano de 1957, pelo posto fronteiriço de Vila Real de Santo António, atingiremos um número da ordem dos 52.000. Quantos, por falta de alojamentos, não permaneceram no Algarve? O quadro é, na verdade, viva expressão de uma dolorosa insuficiência que só um esforço gigantesco pode modificar.

«É certo que estão em curso algumas iniciativas de incontestável interesse para modificar o actual estado de coisas. Já se lhe chamou mesmo, com certa propriedade, a operação-Algarve. Em Albufeira, Armação de Pera, Lagos, Monte Gordo, Portimão, Praia da Rocha, Vila Real de Santo António, Quarteira e Sagres, os empreendimentos vão-se processando, quer por iniciativa dos particulares — em que tomam lugar de relevo os algarvios — quer por impulso de órgãos locais. Se todos esses esforços de iniciativa são de louvar e acarinhados, nem por isso devemos abstrair de algumas considerações que atrás se deixaram esboçadas.

A acção desenvolvida pelo «Jornal do Algarve» a favor do turismo

«Ainda há pouco tempo — prosseguiu — tivemos oportunidade de ler no *Jornal do Algarve*, que, de há muito, se vem dedicando, com afinado interesse e pertinácia, a estudar o problema turístico local, um judicioso artigo, subscrito por Rogério Bastos, focando a mesma ordem de apreensões que atrás já de algum modo ficou enunciada. Na verdade, não podemos ver, sem funda preocupação, essa pluralidade de pequenas e grandes iniciativas fora de um enquadramento planeado, numa época em que tudo deve revestir um sentido prático e objectivo, em que os movimentos da própria iniciativa privada se devem processar ordenadamente, segundo programas de orientação capazes de evitar a delapidação dos capitais e o estiolamento dos esforços no campo aberto de uma concorrência inconsiderada.

«A multiplicidade de pequenos concelhos com réditos insuficientes, a visão restrita de um sub-regionalismo que tende, quantas vezes, a sobrepor-se à perspectiva ampla da comunidade provincial, não podem manifestamente servir os grandes objectivos que se pretendem alcançar.

«A fluidez da oferta de serviços turísticos dentro do Algarve, em que cada praia ou cada recanto se pretende arvorar em fulcro de turismo regional, numa luta estiolante entre empresas concorrentes débeis, sem aquela emulação sadia e vigorosa — que, essa, sim, é preciso cultivar — há-de, por força, vir a produzir um desgaste de iniciativas e dos capitais investidos, pelo espaço limitado e acanhado em que cada um pode projectar-se.

«Para evitar esses perigos e para que a própria Administração possa actuar localmente com eficiência, é indispensável personalizar a região de turismo do Algarve, estruturando-a num órgão local verdadeiramente representativo, ao mesmo tempo que coordenador das iniciativas capazes de fazer do Algarve um grande elemento de apoio do turismo nacional.»

É necessário um plano de conjunto para o turismo algarvio

O orador lembrou a vantagem de se fazerem concessões condicionais de zonas turísticas e de se criar uma zona de jogo e prestou homenagem ao interesse que pela nossa Província tem manifestado o sr. eng. Arantes e Oliveira, acrescentando:

«O caso turístico do Algarve, pelas suas singulares possibilidades naturais, merece ser especialmente tratado no quadro de um programa urdido sob o signo da convivência sistemática entre os serviços da administração central e um órgão local activo e representativo, apto a proporcionar a visão global e harmónica dos problemas da Província.

«É preciso, através de acção adequada, que se corrijam os inconvenientes de uma pulverização desordenada de iniciativas de investimento hoteleiro, seleccionando-as e enquadrando-as em plano de conjunto, designadamente no que respeita ao seu regime de exploração.

«Admite-se, finalmente, que o estudo e definição de zonas de concessão turísticas, subordinadas a um condicionalismo tecnológico e a um prévio ordenamento de infraestruturas, possam contribuir, decisivamente, para o desenvolvimento harmónico da economia regional algarvia.

E concluiu:
 «O mar algarvio, se está avaro na dádiva do peixe, mantém-se generoso na presença de amenidade que confere à terra que abraça desde Sagres a Vila Real de Santo António. Ali reside, ainda em simples potência, uma das grandes riquezas turísticas do País. Saibamo-la aproveitar, em orientação ordenada e persistente, sem nos deixarmos seduzir, nem por um cosmopolitismo descaracterizado, igual em todos os lugares e latitudes, nem por um regionalismo estreito e economicamente inviável. No meio termo está a virtude. Saibamos encontrá-lo na consideração dos factores que melhor sirvam o interesse regional e nacional.»

«FERREIRA DE CASTRO antes da glória»

Conclusão da 1.ª página

e humanitárias. Na batalha por essa legítima satisfação padeceu fomes, vexames e enxovalhos que fariam desviar o rumo de qualquer outro que não fosse impellido pela força de um ideal de redenção.

«Ferreira de Castro antes da glória» lê-se com prazer e é mais aliciante que muitas novelas bem urdidas porque se trata do romance da vida de um dos maiores escritores do nosso tempo que à custa de trabalho insano, de uma luta que se pode classificar de heróica, atingiu o vértice da pirâmide que remata o volume de esforço, a exsudação de talento e a persistência de uma vida digna, prestante e honrada — a glória.

Parabéns a Alberto Moreira pelo seu escrupuloso trabalho que permitiu aos admiradores de Ferreira de Castro conhecerem melhor a vida e as andanças, nem sempre agradáveis, do grande escritor.

MOVIMENTO do Hospital de Olhão

Em Novembro deram entrada no Hospital de Olhão, 26 doentes pela Câmara Municipal, 26 das Casas dos Pescadores e 15 de outras procedências; no serviço de banco foram assistidos 107 doentes; no de cirurgia efectuaram-se 27 intervenções; e na consulta externa e de radiologia foram observados 115 doentes.

Em Dezembro entraram 34 doentes pela Câmara, 20 das Casas dos Pescadores e 17 diversos; no serviço de banco foram assistidos 77, no de cirurgia efectuaram-se 16 intervenções; na consulta externa e de radiologia foram observados 101.

SULFATO DE AMÓNIO

— DO —

“AMONÍACO PORTUGUÊS”

S. A. R. L.



Esta é a sua marca

HIPOTECAS

SOBRE PROPRIEDADES. EMPRESTAMOS AO JURO DA LEI, EM TODO O PAÍS. PRAZO ILIMITADO. AMORTIZAÇÕES FACULTATIVAS. NADA COBRAMOS A TÍTULO DE AVALIAÇÕES. MÁXIMO SICILIO

A CONFIDENTE

(A maior organização do País)

LISBOA - Rossio, 3-2.º PORTO - R. Passos Manuel, 14

CICLISMO

O GINÁSIO DE TAVIRA volta à actividade

Ainda que a época de ciclismo só tenha início em Fevereiro, Tavira vive já entusiasmada com o recomeço da modalidade que lhe tem dado nome no meio desportivo nacional.

O Ginásio de Tavira, depois do brilhante comportamento na época passada, vai procurar fazer mais e melhor, correspondendo assim ao desejo de todos aqueles que na nossa Província se interessam pelo ciclismo.

Primeiramente, os homens a quem está confiado o prestígio do popular clube tavirense pensaram organizar um centro de estágio naquela cidade, como chegou a ser noticiado. Porém, o subsídio que o sr. ministro das Obras Públicas concedeu para a construção de uma nova pista veio contrariar a excelente ideia, porquanto a necessidade de dar imediato início às obras iria privá-los da pista onde no estágio se realizariam provas.

Posta de parte a ideia do estágio, olha-se agora para a excelente obra, já começada e que resultará numa bela pista de 550 metros, igual às melhores do nosso País.

Por outro lado a preparação dos atletas não foi esquecida e já no domingo duas dezenas de jovens, envergando os seus fatos de treino e alheios ao frio cortante, pedalaram pelas nossas estradas fora, percorrendo os primeiros quilómetros de uma época que todos confiam ser ainda mais gloriosa que a transacta.

Manuel Palmeira regressa ao ciclismo

Manuel Palmeira, o conhecido veterano do ciclismo algarvio, que chegou a representar o Benfica e a «Mabors», vai regressar à actividade. O amor pela modalidade que lhe proporcionou tantas tardes de glória não morreu e Palmeira, ainda que afastado da bicicleta, sentiu sempre, como se fossem dele, os triunfos dos seus confratérios. A saudade pelas competições e os aplausos dos seus numerosos simpatizantes acabaram porém por vencê-lo, trazendo-o de novo ao ciclismo.

A longa inactividade de seis anos fê-lo aumentar sensivelmente de peso mas a intensa preparação a que se está a submeter e cujos efeitos já se fazem sentir, dão-lhe coragem para continuar na grande resolução que tomou. Com 32 anos, Manuel Palmeira não se acha «acabado» e os seus amigos aguardam ansiosos que ele volte a demonstrar algumas das facultades que o cotaram como dos grandes ídolos do nosso ciclismo. — *Ofir Chagas*

CINECLUBISMO

Vila Real de Santo António — O Cine-Clube da Vila Pombalina realiza na sexta-feira a sua 62.ª sessão normal, com o filme «A Rosa Tatuada», do realizador Daniel Mann, magistralmente interpretado por Anna Magnani e Burt Lancaster. Conforme noticiámos a direcção do Cine-Clube isenta do pagamento de jóia os associados inscritos em Janeiro, aceitando-se inscrições de novos sócios, na bilheteira do Cine-Foz, até 15 minutos antes do início da sessão. Em 7 de Fevereiro efectua-se a 4.ª sessão infantil, tendo como filme de «função» o consagrado «Crina Branca».

Olhão — O Cine-Clube Olhanense leva a efeito na segunda-feira a 35.ª sessão normal, exibindo «Humberto D», filme neo-realista de Vittorio de Sica.

Faro — O Cine-Clube de Faro promove segunda-feira a 46.ª sessão ordinária com o filme «Amigos para a Vida».

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

NEM SE ESPERAVA OUTRA COISA!

O encontro entre o Portimonense e o Lusitano não podia, à face da lógica, ter desfecho diferente do que teve. O jogo-jogado em si não teve história, o Portimonense mostrou ser uma equipa, enquanto que o Lusitano viveu de «peças» individuais, e nem mais se falaria da «peleja» se não fossem as consequências funestas resultantes da parcialidade demonstrada pelo árbitro (?), sr. Pinto Coelho, na aplicação da sua «justiça», que nem aos próprios portimonenses agradou. Não assacam culpas do triste cariz da partida, ao Portimonense ou ao Lusitano. Sabemos, como algarvios que somos, que se os encontros entre as nossas equipas não forem bem orientados, o «temperamento» sobrepõe-se à garra e a jogada mal intencionada vem ao cimo, como o azeite na água. Foi este pormenor que o sr. P. Coelho não quis ver

nem reconhecer! Bastaram-lhe as atitudes teatrais, culminadas com a injustificada expulsão de Ramires, que alegou ser por agressão a um adversário. Não está certo. Ou se é árbitro na acepção da palavra ou não se é. E não o sendo, o melhor é ficar em casa. Ao árbitro compete, além de zelar pelo cumprimento das leis do jogo, saber fazer justiça. E esta, quando bem aplicada, doi a quem doer! Tudo o que de lamentável se passou foi da responsabilidade do sr. P. Coelho.

Acertaram... e foram nove!

O Olhanense soube resgatar, com juro, a sua derrota da primeira volta, frente ao Beja. Há muito que se esperava o «acerto» dos avançados algarvios. Futebol-jogo não lhes faltava, os golos é que não apareciam. O poderoso quinteto deu assim mostras da sua real capacidade, subjugando completamente uma turma que, de jogo para jogo, de mais descrença e incapacidade vem dando mostras.

Outra «vítima» da arbitragem!

No papel e à primeira vista, a deslocação do Farense ao reduzido campo do Olivais, parecia muito perigosa. No entanto, o «perigo» maior que lá os esperava foi a arbitragem.



O voluntarioso Garcia disputa o esférico com o defensor Prates.

Quando se chegou aos 2-2, os disparates foram tantos, que o Farense perdeu o jogo... e mais dois jogadores: Queimado castigado com três jogos e Reina com dois. Até quando, senhores da Comissão Central?

RESULTADOS DOS JOGOS
Olivais, 4 — Farense, 2
Olhanense, 9 — Desp. Beja, 0
Portimonense, 3 — Lusitano, 0

Campeonato Distrital de Juniores
Resultados dos jogos:
Farense, 4 — S. L. e Faro, 0
Olhanense, 3 — Silves, 0

LÃS PARA TRICOT
CASA A. NETO RAPOSO
Sempre a primeira a apresentar as últimas novidades em cores e preços
Tipos: SHETLAND — BURLLET — CONFETTI — PENSÉES INGLESA E ESCOCESA
TEMOS AUSTRALIANA PURA LÃ DESDE 120\$00 CADA QUILO
Praça dos Restauradores, 13-1.º, Dt. - Telef. 26501-LISBOA
Peçam amostras (Enviem-se encomendas à cobrança)

CASA MARSILVA
de MARIA LOPES
Convida o Ex.º Público a visitar as suas exposições, onde encontrará as mais recentes criações em calçado de senhora, — homem e criança a preços sem competência —
Bordados de toda a região do Minho, painéis, almofadas, carpetes, tapetes, etc., etc.
Rua Matias Sanchez, 24 e 26 (antiga Sapataria Lino)
Telefone 290 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Campeonato Nacional da III Divisão

RESULTADO CERTO

Encontro curioso de seguir dada a maneira como as turmas se empregaram. Embora o Louletano tivesse sido a equipa mais articulada, o Silves foi sempre mais perigoso e o resultado obtido pode considerar-se certo. Não podemos deixar de focar a atitude insólita do árbitro, sr. Armando de Sousa, que depois de assinalar um golo, resolveu anulá-lo, repreendendo os jogadores que não lhe enviaram a bola com a rapidez necessária. E para quê? Que critério é o do sr. Sousa? Valida um golo, a seguir invalida-o, castiga os jogadores porque não querem tirar a bola do centro, para onde ele a havia mandado, e para cumular esta série de disparates, marca bola ao solo mesmo sobre o risco da baliza!... São árbitros como este que estragam o futebol. Por que será que a Comissão Distrital de Arbitros não reconhece de uma vez para sempre a incompetência, soberbamente demonstrada, do sr. Sousa que, para onde quer que vai, dá sempre «barraca»? — C.

Dois pontos com «cortesia»

Ferreira do Alentejo soube receber fidalgamente a caravana desportiva de S. Brás, e são gestos destes que nos tempos que vão correndo calam bem e firmam uma amizade duradoura.

O Ferreirense é uma turma de excelente capacidade física e que se mostrou pouco maleável às manobras dos algarvios.

A arbitragem do sr. M. Salvado foi muito criteriosa.

Nem sempre ganha o da casa

O Desportivo viu-se e desejou-se com a voluntariedade evidenciada pela turma alentejana que, à base de um esforço bem compensado, arrebata um precioso ponto...

RESULTADOS DOS JOGOS
Ferreirense, 1 — Unidos, 3
Desportivo, 1 — Despertar, 1
Silves, 4 — Louletano, 0

NOVOS CORPOS GERENTES

Clube Recreativo Lusitano

Em assembleia geral ordinária, realizada em 11 deste mês, foram eleitos os seguintes sócios para dirigirem em 1960 o Clube Recreativo Lusitano, de Vila Real de Santo António:

Assembleia geral — presidente, dr. Albano Amorim de Lencastre; vice-presidente, César Machado Pinto Pontes; secretários, Ezequiel Faustino Fernandes e José Bento Júnior.

Direcção — presidente, Francisco Lopes Madeira; vice-presidente, Fabiano do Carmo Rafael; secretário, Francisco Zarco Graça; tesoureiro, Mário Samúdio; vogal, Filomeno de Jesus Marinheiro; suplentes: António Xavier de Sousa, José do Carmo Padesca e João de Sousa Geraldo.

Conselho fiscal — presidente, Manuel Peres Tenório; secretário, João Ilídio Setúbal; relator, José dos Santos Campinas; suplentes: Manuel Cipriano e António João Horta.

IMPRENSA

«Os Transportes» — Perfez 14 anos de publicação este estimado colega de Lisboa de que é eficiente director o nosso amigo sr. Joaquim Rosendo. Felicitamo-lo pela efeméride.

O LUSITANO

pediu um inquérito sobre a expulsão de Ramires

Ramires, expulso durante o encontro Portimonense-Lusitano, foi castigado pela F. P. F. com três jogos, por tentativa de agressão a um adversário. Como a expulsão não teve qualquer justificação, a não ser na fantasia do sr. Pinto Coelho, o Lusitano solicitou à Federação um inquérito, quanto à atitude do árbitro, por não a considerar de harmonia com a justiça que deve presidir ao julgamento das causas desportivas.

JOGOS E ÁRBITROS PARA AMANHÃ

II Divisão
LUSITANO-Juventude
Ivo Afonso, de Beja
Montijo-PORTIMONENSE
Jaime Baptista, de Lisboa
FARENSE-Estoril
Virgílio Baptista, de Setúbal
Serpa-OLHANENSE
Carlos Dinis, de Lisboa
III Divisão (8.ª série)
LOULETANO-S. Domingos
Carlos Monteiro, de Setúbal
UNIDOS-DESPORTIVO
Joaquim Aivo, de Faro
Despertar-SILVES
Helder Silveira, de Évora
Juniores
Olhanense-Farense
S. L. e Faro-Silves

Atlético Clube de Portugal LISBOA

Ex.º Senhor Proprietário da Pensão Mateus Vila Real de Santo António

Com os nossos cumprimentos, vimos junto de V. manifestar a nossa gratidão pela maneira como o nosso director sr. José de Mendonça Pimenta Rodrigues e os jogadores deste clube, foram tratados e servidos nessa conceituada casa de que V. é mui digno Gerente e Proprietário.

Seria injustiça, da nossa parte, se não enaltecéssemos tão modelar serviço, que honra o turismo da vossa linda província do Algarve. Reiterando os nossos cumprimentos, subscrevemo-nos com os protestos da mais elevada estima,

De V. etc.
a) José de Mendonça P. Rodrigues

As categorias de "Reservas" DOS CLUBES que disputam a II Divisão vão ter actividade

Conforme noticiámos foi de todo impossível organizar o Campeonato Distrital de Reservas, prova em que a Associação de Futebol de Faro tinha o maior empenho, para valorização das equipas. No entanto, a A. F. F. apreciou e comunicou aos clubes seus filiados que disputam a II Divisão, um projecto elaborado pelo seu vogal, sr. João Marques Palma, que foi aceite. Assim, foi feito um «arranjo» de calendário que deu os seguintes jogos:

Hoje — Lusitano-Farense; em 30 deste mês, Portimonense-Lusitano. Para Fevereiro: em 13, Portimonense-Olhanense; em 15, Lusitano-Olhanense; em 20, Olhanense-Portimonense; em 27, Farense-Portimonense. Para Março: em 5, Olhanense-Lusitano; em 12, Farense-Lusitano; em 19, Lusitano-Portimonense; em 26, Portimonense-Farense. Para Abril: em 2, Farense-Olhanense; em 9, Olhanense-Farense.

Os jogos realizam-se aos sábados e a organização (policimento, arbitragem e encargos fiscais) é de conta dos clubes, contribuindo a A. F. F. com um subsídio aos clubes visitantes de esc. 5\$00 por cada quilómetro percorrido.

São de louvar os esforços da A. F. F. e dos clubes, pois, com risco de prejuízos financeiros, esperam ver os seus empenhos coroados de êxito na defesa do futebol regional. Que o público saiba compreender, sem paixões clubistas, a actuação dos clubes, e, que não regateie o seu contributo material para a boa finalidade do empreendimento, são os nossos votos.

ROYALITE
A MÁQUINA PORTÁTIL COM ESTILO PRÓPRIO
SOC. COM. LUSO-AMERICANA, LDA.
LISBOA - PORTO - FARO

VIVEIROS DO LUDO
Todas as fruteiras das melhores variedades
GRANDES DISPONIBILIDADES ACTUAIS DE:
ALFARROBEIRAS
FIGUEIRAS
VIDEIRAS DE UVAS DE MESA
BARBADOS AMERICANOS-Rupestris du Lot
DIRIGIR CORRESPONDÊNCIA A:
Viveiros do Ludo — Apartado 3 — TAVIRA

Centro Consultivo Químico Industrial, Lda.
FARO

Tem o prazer de informar que todos os seus serviços foram transferidos para as suas novas instalações, na Rua do Matadouro, 17-19, em FARO, telefones 335 e 417.

Todo o equipamento para a produção e utilização do vapor, Caldeiras, Queimadores, Isolamentos térmicos, Válvulas, Purgas — dores. Assistência técnica permanente a todos os clientes —

ALVARÁS DE LICENÇA
Para todas as indústrias, Direcção-Geral de Espectáculos e montagens de motores marítimos. Plantas de construção civil. Trata e acompanha junto das entidades competentes
J. Costa, Rua Verissimo d'Almeida, 28-1.º — FARO

CARROS DE MÃO, METÁLICOS TIPO FORTE

É este o auxiliar ideal para grandes trabalhos, Construção, Estradas, Barragens.
Quem tiver estes trabalhos, peça já cotações. Não comprará um carro barato, mas sim o melhor.
O fabricante: **ALFREDO DE CAMPOS FAISCA**
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 143

Mais um sucesso da FIBERPANE...
Apresentando agora o perfil «DECORATIVO» especialmente destinado a decorações interiores, possibilitando a realização de efeitos artísticos especiais.
Distribuidores no Algarve:
Rego & Rego (Irmãos), Lda.
Sede: Lisboa — Filial: FARO, Largo do Mercado, 54 — Telef. 386

SAMOFA
MOTORES MARÍTIMOS DIESEL
DE 8, 10, 15 E 30 H. P.
ENTREGAS IMEDIATAS

ESPECIALMENTE CONSTRUÍDOS PARA PEQUENAS EMBARCAÇÕES
ECONÓMICOS E DE FÁCIL CONDUÇÃO

REPRESENTANTES C. SANTOS LDA., LISBOA - PORTO - OLHÃO

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecem-lhe em pouco tempo. À venda nas farmácias

A quadra de hoje

Ó fonte, cheia de graça
Com que o Senhor te fadou:
Tu dás o Amor a quem passa
E a Saudade a quem passou...

PERPÉTUA

Como eles pensavam

Aquele que não considera a inconstância no amor como a destruição do amor, não sabe o que é amor. — P. Leroux.

A infidelidade é como a morte, não admite gradações. — M.^{me} de Girardin.

A ingratitude é uma variante do orgulho. — E. Labiche.

A zombaria e o ridículo são, entre todas as injúrias, as que menos se perdoam. — Platão.

Gambém na cozinha se pode ser artista

Fofos de peixe — Coze uma boa posta de peixe em água e sal, tirando-lhe depois as peles e as espinhas, desfá-lo em pequenas lasquinhas. Depois toma uma chávena da água da cozedura que põe sobre o lume até ferver. Junta-lhe igual porção de farinha de trigo e mexe muito bem para que se desfaca sem formar grumos e conserva sobre lume brando, mexendo sempre até a farinha ficar cozida. Junta-se-lhe depois uma boa colher de manteiga e em ela derretendo e se integrar bem na farinha, para o que se não pára de mexer a

massa, junta-se-lhe então o peixe e volta a mexer-se até que fique bem espalhado, e dois ovos, um de cada vez, batendo, batendo sempre toda a massa.

A parte põe-se ao lume um pequeno tacho com azeite ou óleo e, quando ferver violentamente, vão-se-lhe deitando bocados de massa feita, do tamanho duma noz, e vai-se batendo ao de leve logo que cada bocadinho venha ao cimo da gordura, para que se volte, enfole e cresça. Não se deve deitar a frigar mais que dois ou três de cada vez.

O doce nunca amargou

Bolinhas para chá — Ovos inteiros, 8; açúcar, 4 chávenas (das de chá); manteiga, duas chávenas (das de chá); farinha de trigo, 4 chávenas; uma colher (das de sopa), bem cheia de vinho licoroso; 200 gramas de miolo de amêndoas passadas pela máquina depois de se lhes tirar a pele. Misturam-se todos os ingredientes muito bem e com um pouco de farinha, para tender os bolinhos que se fazem do feitico que se quiser; vão para o forno em tabuleiros untados e polvilhados de farinha.

É agora não ríal!

O Machado, muito conhecido pela sua incomensurável vaidade, conversa com um judeu. E a certa altura, blasonando do seu sangue azul, afirma:

— Os meus antepassados participaram das Cruzadas e foram à Terra Santa!

— Pois os meus — respondeu o judeu — moravam lá!

Ao grande poeta taurinense dr. Emiliano da Costa, pelo seu recente livro de poemas, «Pinturescas».

«Pinturescas»?

O nome, «Pinturescas», — bom amigo! — Fala em pintura e eu só vejo luz Que ali reflui... e flui... e vai contigo, No passo brando e leve de Jesus.

Um livro! Um sol em cada folha... digo, Em cada estância!... O beija-flor reluz E canta ali de modo que eu consigo Ouvir as queixas que a trilar produz.

São isto «Pinturescas»? Não. Segredo, Milagre vivo em ti, no teu degredo, P'ra nos dar Pão e Luz... «Os Degredados!»

Um livro! Não!... É Paz... Amor... Beleza Sangrada em ti, que pões à nossa mesa, P'ra nos sentirmos menos desgraçados.

Tavira, 31-XII-59

Sebastião Leiria

A VALORIZAÇÃO DOS FRUTOS SECOS DO ALGARVE

Conclusão da 1.ª página

acompanhavam o pedido, concluía-se que daquele fabrico resultaria, além do consumo da alfarroba, a sua valorização para cerca de 115\$00 cada quintal; a lavoura representada na reunião também deu o seu apoio, em princípio, a esta pretensão. Ela chegou a ser superiormente deferida, mas depois houve revogação da autorização, aguardando-se, ao que parece, estudo mais completo do assunto.

A comissão peticionária havia feito constar na Imprensa que confiava em que os comerciantes dos frutos empregariam todos os seus esforços para que de futuro se não repetisse o habitual e lamentável fenómeno da baixa dos preços justamente quando as maiores necessidades de numerário afligem o pequeno proprietário e o rendeiro; mas, a verdade é que tal esperança falhou por completo, começando a repetir-se desde Setembro a mesma baixa e oscilações da praxe.

Perto do fim do ano anunciava-se a compra de 6.000 ton. de alfarroba inteira para embarque em Dezembro e 8.000 ton. em Janeiro, posta a bordo de navio oceânico. Ao que nos consta, não pode exportar-se alfarroba inteira, para que a gralhina não falte à respectiva indústria; como esta não se desenvolve, a gralhina também não é devidamente valorizada e então é o lavrador quem suporta todas as necessidades de protecção à indústria.

Lemos que o sr. secretário do Comércio afirmou que, «no sector das exportações agrícolas, os nossos problemas não são de dificuldade de colocação». Sem termos a pretensão de tentar negar tal afirmação, na verdade vemos que enquanto o comprador estrangeiro não procura os nossos frutos, que parece tem épocas mais ou menos certas, o comerciante também os não pretende adquirir ao produtor; mantém-se na baixa e o proprietário, que não pode esperar a melhor oportunidade, vê-se obrigado a render-se, vendendo-os por todo o preço, porque não encontra defesa contra essa calamidade. Isto verifica-se duma maneira geral com qualquer dos frutos secos.

Pelo que respeita em especial à amêndoa e ao figo achamos de salientar o seguinte: O *Jornal do Algarve*, noticiando há pouco tempo o contraste entre o precário valor da nossa alfarroba e o que estava valendo a espanhola, dizia que também neste país corria fraco o mercado da amêndoa; mas, recentemente inseria interessantes elementos sobre o importante consumo deste fruto no fabrico do torrão de Alicante numa pequena povoação espanhola — 1.800 ton. por ano — o que já nos levou a sugerir que bem podíamos nós desenvolver a indústria do nosso nógado, aperfeiçoando a apetitosa guloseima com o emprego da amêndoa em vez do amendoim; assim se valorizaria a amêndoa algarvia. Já se registaram apreciáveis ofertas, do *Jornal do Algarve* e do «Jornal de Turismo», do Porto, de publicidade gratuita, durante 3 e 12 meses, respectivamente, da fábrica que se propõe lançar no Algarve a indústria do torrão.

Quando ao figo, parece que se abrem perspectivas da sua valorização, cujo conhecimento deve agradar ao produtor; são iniciativas da indústria de Lisboa, que acaba de lançar no mercado no começo deste ano dois produtos semelhantes, em que o figo tem papel interessante. As companhias Nacional e Aliança apresentaram uma bolacha a que chamam «FIGO-BAR» e «VITA-FIG», ambas recheadas com a pasta do figo e de embalagem apropriada. Ao mesmo tempo a revista «Natura» acaba de publicar um livrinho, intitulado «OS FIGOS COMO ALIMENTO E COMO MEDICAMENTO», lembrando o alto valor alimentar deste fruto desde a mais longínqua antiguidade e as suas importantes propriedades medicamentosas.

Estas iniciativas de industrialização, assim também em sucedâneo do café, lembrado pela «Natura», é pena que não surjam na nossa Província, que possui a matéria prima. É justo e muito nos apraz aproveitar esta oportunidade para prestarmos reconhecida homenagem ao ilustre deputado pelo Algarve, sr. coronel Rosal, pela sua brilhante intervenção na Assembleia Nacional, tratando o problema da valorização dos frutos secos em defesa do produtor.

A acrescentar aos problemas que afligem o lavrador algarvio aparece este ano a desvalorização do azeite. A portaria que elevou o preço do azeite salienta no preâmbulo que a revisão da tabela se impunha para acudir às necessidades do produtor; pois o resultado foi que os lagares pagaram a azeitona em 1958 a 31\$00 por arroba e este ano apenas a 25\$50, diz-se que em consequência de a nova tabela beneficiar em 1\$90 por litro o azeite fino e apenas em \$20 o de 9º para cima, como é este ano o da azeitona

Funcionalismo público

Foi nomeada ajudante do posto do registo civil da freguesia de Santa Bárbara de Nexe (Faro), a sr.ª D. Piedade das Dores Guerreiro.

Visado pela delegação de Gensura

A POBREZA E A RIQUEZA do concelho de Loulé

Conclusão da 1.ª página

Sendo, como é, Quarteira um «viveiro» natural de pescadores, parecia que, anexa ao seu Centro Social, se devia montar uma pequena Escola Regional de Pesca, onde se ministrassem as noções rudimentares de orientação pela bússola, o que a grande maioria dos pescadores quarteirenses desconhece, e, daí, talvez, a falta de confiança em se afastarem da vista da costa. E não só isto, como o conhecimento do trabalho dos motores a óleos pesados, para moverem as suas lanchas; das sondas eléctricas, para pesquisa do peixe; o conhecimento das cartas batimétrica e litológica da costa algarvia, etc., enfim, um certo número de conhecimentos que lhes dessem mais certeza e segurança no modo de vida que praticam e, por outro lado, reduzissem os preços de custo para a maior quantidade de peixe apanhado, pois verifica-se, em determinadas épocas, ser aqui o peixe mais caro do que noutros portos.

Uma das maiores objecções que os pescadores fazem, ao pensarem na motorização das suas lanchas na sua afaste da costa, é sobre a sua variação, no caso de temporal iminente.

Ora, sucede que o Gabinete de Estudos das Pescas nos forneceu, há pouco tempo, um estudo sobre a forma de pescar em todos os pa-

Os C. T. T. no Algarve

Foi nomeado encarregado do posto (PS) do Largo do Jardim de Cancela de Abreu, em Silves, o sr. Custódio Agosto Cabrita.

Foram exonerados do cargo de encarregados dos postos de correio (PC2), de Carrapateira (Aljezur) e Guerreiros do Rio (Alcoutim) os srs. João Duarte do Nascimento e José Lopes, sendo nomeados em sua substituição os srs. António da Luz Lino e Francisco Afonso.

ses europeus; e sobre a Dinamarca, apresentou um sistema de variação que, se fosse aplicado em Quarteira, viria, decerto, impulsionar as suas actividades piscatórias. Trata-se de um cabo de aço que é puxado de terra por um guincho mecânico, o qual passa num moitão ancorado no mar, à distância de 120 metros da costa, portanto, fora da rebentação da vaga. Estabelece-se assim um movimento de vaivém entre o mar e a terra, o que permite não só puxar os barcos para terra, como lançá-los dela para o mar. Este trabalho é facilitado por uns cabos-guias que estão presos ao cabo principal, os quais têm por fim manter o barco perfeitamente direito e sempre contra a vaga, de forma a evitar o seu naufrágio.

Pedimos ao nosso contrerrâneo, eng. construtor naval João Farrajota Rocheta, director técnico dos estaleiros de Lisboa da C. U. F., que apreciase este estudo, pronunciando-se ele favoravelmente. Entre outros, destacamos os seguintes pontos, que grafamos:

«Com este sistema de variação, a pesca é considerada um trabalho seguro, não se verificando desastres desde a segunda guerra mundial.

«O guincho mecânico pode varar barcos até 18 toneladas de registo.

«O custo inicial desta instalação é calculado em 461 contos, mas evita um porto artificial permanente, um dos quais, em construção, está orçado em 283 mil contos».

E' preciso esclarecer que, na Dinamarca, o clima é boreal, de forma que só permite 120 dias de pesca por ano, o que está longe de acontecer em Quarteira. Aqui, somente no Inverno ele seria utilizado, visto a proximidade da barra de Faro permitir a entrada dos barcos de pesca. Seria um assunto a ponderar por aqueles que se dedicam à pesca, depois de comparadas as condições de trabalho locais com as da costa dinamarquesa.

Também não seria despiciante pensar-se na instalação em Quar-

CASA

Vende-se, com chave na mão, situada na Rua Cândido dos Reis, 68, em Vila Real de Santo António.

Informa-se na mesma rua, n.º 143.

teira de um salva-vidas, para actualização dos momentos difíceis para o pescador, quando golpes de vento súbito viram as lanchas de vela, evitando, deste modo, perda de vidas, como já tem sucedido.

Valor da pesca desembarcada nos portos algarvios nos anos de 1953/57, e sua capitação, com o número de pescadores que normalmente exercem a sua actividade

Portos de pesca	Valor, em contos de 1000\$00, da pesca desembarcada em 1953/57 média anual	N.º de pescadores exercendo a pesca em 31/12/58	Capitação do valor da pesca
Lagos ...	14.281	1.024	13.946\$30
Portimão ...	38.897	1.339	29.049\$30
Albufeira ...	3.267	385	8.485\$70
Quarteira ...	6.056	479	12.643\$00
Faro ...	2.650	766	3.459\$50
Olhão ...	26.436	1.392	18.991\$40
Fuseta ...	7.905	856	9.234\$80
Tavira ...	8.869	1.139	7.786\$70
V. R. S. A.	43.304	1.108	39.083\$00
Totais	151.665	8.488	17.868\$20

Como em 31 de Dezembro de 1958 estavam inscritos na Delegação Marítima de Quarteira 1.039 pescadores, quer dizer que 560 exerciam a sua actividade noutros portos de pesca, desde Vila Real de Santo António até Matosinhos, não falando naqueles que trabalham no Ultramar e no estrangeiro.

Parecia-nos, portanto, que se deviam tomar as medidas atrás indicadas para fixar o pescador quarteirenses à sua própria terra, contribuindo deste modo, para a maior estabilidade económica da sua família.

A. de Sousa Pontes

Escola Técnica de Olhão

Conclusão da 1.ª página

mos verificado, às classes economicamente débeis, que se conformam, em face do seu nível de vida, em mandar seus filhos aprender um ofício que lhes proporcione uma vida modesta, mas regular. Certa percentagem, embora pequeníssima, consegue, mesmo num meio pobre como o nosso, atingir o curso do Instituto Industrial.

E não há dúvida que todo aquele que não consegue actualmente alcançar um diploma, por modesto que seja, e que pretenda viver num meio urbano, deparará, cada vez mais, com elevados obstáculos que lhe barram qualquer carreira, ainda que a sua inteligência lhe desbrave alguns caminhos. Duma maneira geral, também assim não poderia deixar de ser, pois que o diploma atesta que o seu possuidor tem determinada competência que o ramo respectivo reclama.

Acontece, pois, que onde não exista a escola técnica, limitadíssima parcela da população saída da escola primária a pode frequentar, por falta de condições económicas. Ora, num meio comercial e industrial como Olhão, será de todo o interesse, como notadamente é reconhecido, mandar para aquela escola o maior número possível de homens de amanhã, porquanto do mais humilde se poderá destacar o mais valioso. Acresce que se contam por centenas os alunos das escolas técnicas que actualmente de Olhão as vão frequentar. Como aquele número ainda será multiplicado se escola houver em Olhão, pois que evitaria despesas de deslocação e alimentação fora de casa, qual não será o benefício que representa para a nossa terra a existência de estabelecimento de ensino que assume cada dia maior importância para o progresso da Nação?

Por outro lado, a escola mantém ao seu serviço grande número de professores de várias especialidades, que fixados em Olhão viriam melhorar o nível cultural da terra. E todos conhecemos grande número de professores daqui naturais que irradiam para longe de suas famílias, quando à sua terra ofereceriam integral devoção, formando os seus contrerrâneos. Olhão, cujos

filhos mais dilectos vê partir, podia vir a acolher alguns, com manifesto benefício para a comunidade.

Se não se conseguir superar todas as dificuldades, oferecendo à resolução do problema da escola o nosso sacrifício que amanhã pode ser lembrado por gerações de nossos sucessores, o futuro da grande maioria da mocidade terá que continuar a ser o mar, este mar que aumenta a sua avareza aqui, para se tornar pródigo noutros lados. Mas este futuro preocupa-nos sobremaneira neste momento de incerteza em que diminuem as unidades de pesca industrializada.

A questão posta neste pé, embora nada de novo traga a lume, parece conduzida impulsivamente, mas se assim é, este será o cunho da nossa personalidade que, mais ou menos imperfeita, traz a ténpera de gerações de gente do mar desta terra, que na revolução das águas viu as suas vidas perigar e em nós se aposentou dessas lides marinhas.

O problema parece afinal residir na falta de edifício que reúna as condições mínimas indispensáveis ao início do funcionamento da escola. A muita gente parecerá extremamente fácil a resolução do problema, mas o certo é que ele está carecendo ainda de solução. Haverá em Olhão edifício capaz para o fim em vista? Eis uma dúvida que persiste.

Efectivamente é penoso saber-se que a escola só não funcionará por falta de edifício, ficando uma tão grande população privada, não se sabe por quanto tempo ainda, da sua instalação, quando as esperanças de todos a fadavam para breves dias.

Os poderes públicos já patentearam o carinho que o assunto lhes mereceu, e o nosso Município também já diligenciou resolver a questão que cabe à administração local.

Sabemos não estar em nossa mão qualquer alavanca que imprima movimento ao assunto versado, mas queremos contribuir de algum modo, para trazer à consciência dos que se sentem elementos em jogo, uma ponderação sugerida pela gravidade de uma falta que todos são unânimes em apontar.

Manuel Domingos Terramoto

EXCELSIOR

o escudo que defende e protege os seus barcos



USE TINTAS EXCELSIOR
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
Travessa do Giestal, 4 - LISBOA

JOGOS DE SEGMENTOS COM LÂMINA E MOLA

« DEVES »

(ORIGEM SUECA)

Os segmentos c/ mola «DEVES» são a garantia de maior rendimento para o vosso Automóvel, Camioneta ou Tractor. Com «DEVES» ficareis certos de um trabalho de motor digno de

CONFIANÇA ECONOMIA E PODER

o que significa escudos poupados e mais milhares de quilómetros de trabalho sem preocupações.

Representantes para Portugal Continental, Insular e Ultramarino:

F. Pereira (Herdeiros), Lda.
Rua da Conceição da Glória, 22-24 - LISBOA
Telefs. 2 97 63 - 2 01 27

Agentes na Província do Algarve:

E. V. A. - EMPRESA DE VIAÇÃO ALGARVE - FARO